

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

DAMIANA MARQUES DA COSTA

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO RESGATE DA MEMÓRIA
INSTITUCIONAL: O PASSADO NO PRESENTE.**

João Pessoa

2016

DAMIANA MARQUES DA COSTA

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO RESGATE DA MEMÓRIA
INSTITUCIONAL: O PASSADO NO PRESENTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso – (TCC, apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof^o. Dr. Adolfo Júlio Porto de Freitas

João Pessoa

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837f Costa, Damiana Marques da.

A fotografia como subsídio para o resgate da memória institucional: o acervo da secretaria de turismo da cidade de Santa Rita / Damiana Marques da Costa. – João Pessoa, 2016.

45f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Adolfo Júlio Porto de Freitas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

DAMIANA MARQUES DA COSTA

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO RESGATE DA MEMÓRIA
INSTITUCIONAL: O PASSADO NO PRESENTE.**

Aprovado em 30 de Novembro de 2016

Banca Examinadora

Prof^o. Dr. Adolfo Júlio Porto de Freitas/DCI/CCSA/UEPB
(Orientador)

Prof^a. Dr^a Edna Gomes Pinheiro
DCI/CCSA/UEPB

Prof^a. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva
DCI/CCSA/UEPB

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer de forma especial, primeiramente a Deus por ter me dado força para seguir em frente sem desistir.

Ao meu orientador professor Prof^o. Dr. Adolfo Júlio Porto de Freitas, que muito me ajudou na construção deste trabalho, do início ao fim.

E por fim, a todos os meus familiares e amigos que, com palavras, gestos, orações ou mesmo em silêncio, torceram e torcem por mim.

Gratidão a todos!

“De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante precioso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há mecanismos no mundo capaz de fazê-las voltar outra vez. Não podemos revelar ou copiar uma memória”

Herri Cartier Bresson

RESUMO

Relato de pesquisa elaborado com o objetivo precípua de analisar até que ponto os suportes (registros) fotográficos representam fonte de informação e expressão da memória institucional. O processo investigativo partiu do pressuposto da inexistência (AACR2) de um capítulo que contenha itens de descrição específicos para catalogar acervos fotográficos. A escolha do referencial teórico utilizado para análise dos dados foi norteado pelo método descritivo e interpretativo de publicações que versam sobre os preceitos das abordagens: tecnicistas e sócio cognitivos da Biblioteconomia. Quatro foram às etapas dos procedimentos metodológicos: 1) levantamento das fontes de informação nas revistas e repositórios institucionais da área sobre o tema, 2) identificar e descrever os pressupostos teóricos das abordagens citadas e dos pesquisadores que estudam a historiografia da fotografia como fonte de informação, 3) Apresentar um estudo de caso (fotografia) voltado para os preceitos da abordagem sócio cognitivo_ memória institucional. Como resultado, a pesquisa revelou que são escassos os estudos publicados na área da Ciência da informação destacando a importância dos suportes fotográficos como fonte de informação para o resgate da memória institucional, e, que itens de descrição (notas) podem ser incorporados aos campos de catalogação AACR2, a exemplo de informações sobre gênero fotográfico e dados históricos que expressem a importância dos registros fotográficos para a memória institucional de um país.

Palavras-chave: Acervo fotográfico. Representação descritiva dos suportes fotográficos - Memória Institucional/Estudo de caso.

ABSTRACT

A research report elaborated with the main objective of analyzing the extent to which the photographic supports represent source of information and expression of institutional memory. The investigative process was based on the assumption of non-existence (AACR2) of specific description items to catalog photographic collections. The choice of the theoretical reference used to analyze the data was guided by the descriptive and interpretative method of authors who published on the precepts of the approaches: technicalist and cognitive partner of Librarianship. Four steps were taken in the methodological procedures: 1) survey of the sources of information in the journals and institutional repositories of the area on the subject, 2) identify and describe the theoretical assumptions of the approaches cited and the researchers who study the historiography of photography as a source of information, 3) Present a case study (photography) focused on the precepts of the socio-cognitive-institutional memory approach. As a result, the research revealed that there are few studies published in the field of Information Science highlighting the importance of photographic media as a source of information for the rescue of institutional memory, and which description items (notes) can be incorporated into the fields of Cataloging AACR2, such as information on photographic genre and historical data of photographic representation.

Keywords: Photo collection. Technician approach and cognitive partner of Librarianship - Fields of description of AACR2 - Institutional Memory / Case study.

LISTA DE SIGLAS

AACR2 - Anglo American Cataloguing Rules

CCGB- Curricular Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia

DCI- Departamento de Ciência da Informação

CCSA-Centro de Ciências Sociais aplicadas

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA INSTITUCIONAL	14
2.1 A fotografia: traços historiográficos.....	14
2.2 Gêneros fotográficos.....	20
2.3 A fotografia e a abordagem tecnicista da Biblioteconomia.....	25
2.4 A fotografia e abordagem sócio-cognitivo da Biblioteconomia.....	27
2.5 A fotografia e os campos (itens) de descrição da AACR2.....	35
3 ACERVO FOTOGRÁFICO DA SECRETÁRIA DE TURISMO DA CIDADE DE SANTA RITA	39
3.1 Coleta e Análise dos dados da pesquisa.....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS: Relação das fotografias, objeto da pesquisa	47

1 INTRODUÇÃO

Importa, inicialmente, enfatizar que a busca para atender a exigência acadêmica com o interesse pessoal foi determinante para a escolha do tema da pesquisa que une aspecto organizacional e informacional do suporte fotográfico a memória de uma entidade burocrática institucional, no caso, o acervo fotográfico da Secretaria de Turismo da cidade de Santa Rita¹, cujos itens fotográficos foram objeto de pesquisa publicados no livro intitulado “Santa Rita (re)contada em fatos e fotos” de autoria do pesquisador João Ribeiro Filho (2012).

No âmbito estudos da Biblioteconomia, percebe-se a predominância da abordagem do suporte fotográfico a partir da concepção teórica da visão tecnicista dos pesquisadores da área, ou seja, a valorização dos processos técnicos do item fotográfico no que se refere à organização e preservação do suporte documental, em detrimento da abordagem teórica sócio-cognitivo, cujo foco principal se volta para os estudos da informação relacionada aos aspectos sociais, históricos e políticos contidos nos registros fotográficos.

No entanto, deve-se ressaltar a importância que ambas as concepções teóricas representam para o desenvolvimento do campo científico da Biblioteconomia, particularmente no Brasil, onde se observam na contemporaneidade, negligências da aplicação dos princípios teóricos de ambas as abordagens para o tratamento de acervo fotográfico.

Assim, fica evidente que para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se das distintas abordagens, cujos *locos* de estudo selecionados foram os registros de “documentos históricos – capelas e igrejas” (16 películas) do acervo da Secretaria de Turismo da Cidade de Santa Rita, com o objetivo precípuo de analisar se os suportes fotográficos representam fontes de informação e expressão importantes para o resgate da memória institucional.

Para atingir esta meta (objetivo geral), os seguintes objetivos específicos foram necessários:

- a) Descrever sobre dados históricos do surgimento do suporte fotográfico e os procedimentos técnicos adotados para a organização e preservação do acervo fotográfico _ abordagem tecnicista da área;

¹ Trata-se de um recurso linguístico utilizado para salvaguardar o nome verdadeiro da cidade.

- b) Apresentar alguns atributos do suporte fotográfico que caracterizam os aspectos informacionais condizentes com as abordagens: tecnicista e sócio-cognitivo da Biblioteconomia, no contexto da sociedade contemporânea;
- c) Apontar para a necessidade de estabelecer campos de descrição específicos no AACR2 para os registros fotográficos.

Para a análise optou-se pelo método descritivo e interpretativo de pesquisa, que segundo Gil (2006) trata-se de um processo investigativo que tem como objetivo descrever as características de uma dada população ou fenômeno, ou seja, o estabelecimento de relações entre as variáveis. (GIL, 2006, p.42). No caso, a descrição de dados historiográficos contidos nos suportes fotográficos, objeto de estudo.

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos foram norteados pelas seguintes etapas:

Primeira etapa da pesquisa: levantamento das fontes de informação nas revistas e repositórios institucionais da área de Biblioteconomia sobre o tema:

Nesta etapa se buscou identificar e descrever os pressupostos teóricos referenciados na publicação de Paul Otlet (1934)² e pesquisadores que estudam a historiografia da fotografia como fonte de informação. (GUERRA 2009, RIBEIRO FILHO 2014, MARTINS 2010, BRIGIDI 2009, WOLF 2005, PEIXOTO 2011, KOSSOY, 2001).

Segunda etapa da pesquisa: Apresentar os princípios da abordagem tecnicista e sócio cognitivo na Biblioteconomia.

Nesta etapa o objetivo foi descrever os princípios que norteiam ambas as abordagens, com vistas a apresentar um estudo de caso voltado para os preceitos da abordagem sócio cognitiva_ memória institucional.

Terceira etapa da pesquisa: Levantamento no acervo fotográfico da Secretaria de Turismo da cidade de Santa Rita-PB.

Nesta etapa o objetivo foi selecionar itens (fotografias) que foram objeto de estudo de pesquisadores relacionados ao resgate da memória institucional, no caso no livro de autoria de Joao Ribeiro Filho (2012).

²GUERRA, Claudia Bucceroni. O olhar fotográfico: percepções filosóficas, informacionais e documentais. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

Quarta etapa da pesquisa: Apresentar uma síntese das análises dos dados da etapa anterior, com vistas a destacar itens (notas) de descrição que podem figurar em campos específicos de suportes de informação (fotografia) no AACR2.

Por fim, é importante salientar que, neste relato de pesquisa, destacamos, apenas, 03 (três) películas fotográficas que foram previamente selecionadas para ilustrar a possibilidade de ampliação (itens) de campos de descrição do Código de Catalogação Anglo Americano (AACR2).

2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Epistemologicamente a expressão fotografia nos remete a origem da palavra grega “fós” que significa luz e grafis, ou ainda estilo, pincel. O fato é que não se encontra na literatura dados da autoria da palavra fotografia, o que nos obriga traçar alguns dados historiográficos para contextualizar o tema da pesquisa.

2.1 A Fotografia: traços historiográficos

Segundo Oliveira (2003) uma possibilidade que culminou com a ideia de representar uma imagem real em um registro de suporte de informação pode ter surgido quando Aristóteles, pensador grego, ao sentar embaixo de uma árvore observou por um furo numa folha que a imagem do sol em um eclipse parcial pode ser vista sem ofuscar o observador. Define ainda que neste mesmo evento Aristóteles observou que quanto menor a furo da folha mais nítida se tornava a imagem projetada. Essa experiência só veio a ser divulgada em meado do século XI por um erudito árabe chamado Alhazem, o qual é atribuído como precursor do que viria a ser o princípio da “câmara escura”, elemento fundamental para a constituição da câmera fotográfica.

Durante muito tempo a câmera escura foi utilizada como recurso para reprodução de imagem. Utilizada por um dos pintores mais famosos da história, como por exemplo, Leonardo Da Vinci (1452-1519) em meados do século XV.

Ainda conforme a pesquisadora supracitada, a primeira fotografia reconhecida surgiu no ano de 1816, cuja autoria foi da obra do francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1820). Ele utilizou diversos suportes como papel, vidro e pedra como materiais fotossensíveis expostos a luz dentro de uma caixa escura. Sua primeira imagem fotográfica foi reproduzida em uma chapa de metal.

Pouco tempo depois, conforme Peixoto (2011) o britânico William Henry Talbot (1800-1877) anunciou em 1839 sua descoberta sobre a engenhoca que tirava fotos de pessoas, cenas e paisagens.

Os autores acima citados destacam que após discussões sobre a paternidade da fotografia, os ingleses que reivindicaram a invenção da máquina fotográfica alegando que o processo negativo-positivo criado por Talbot foi o único que atravessou os anos, portanto, passou a ser considerado o primeiro a reproduzir uma fotografia em papel.

Para Peixoto (2011) no Brasil, na cidade de Campinas em São Paulo/SP, no

ano de 1833, um inventor chamado Hercules Florence criou a palavra fotografia para nomear uma de suas descobertas utilizando a câmera escura. Florence afirma que foi com a ajuda de Boticário chamado Joaquim Correia de Mello, e suas experiências fotoquímicas que se tornou possível reproduzirem imagens batizadas de *photographie* (fotografia). Acrescenta que somente em 1888 surgiu a primeira câmera fotográfica popular analógica lançada pela Kodak. A mesma possuía um filme de 100 fotografias surgindo assim às primeiras fotografias amadoras.

Fabris (2008) define que houve três momentos na história das imagens que antecederam o nascimento da fotografia, quais sejam: a idade da madeira no século XIII com as técnicas da xilogravura, a idade do metal no século XV com as técnicas da água forte e a idade da pedra no século XIX com a litografia.

Conforme o anteriormente citado, devido ao grande índice de analfabetismo no século XIX houve a necessidade de divulgar as informações visuais. Na França e Inglaterra o processo litográfico foi descoberto em 1797 por Alois Senifelder.

No século XIX, a França e Inglaterra realizaram diversas experiências para “obter superfícies sensíveis à luz para fixar as imagens, graças ao emprego de sais de prata. Esses processos associados à câmera escura lançaram as bases de princípio da fotografia”. (FABRIS, 2008, p.12-13).

De acordo com Fabris (2008) Charles e Davy conseguiram fixar temporariamente as imagens não levando adiante suas pesquisas. Devido à crescente demanda social de imagens, e ao perceberem a inadequação dos modos tradicionais de reprodução eles deram a início a uma série de pesquisas que deram origem ao daguerreotipo.

A descoberta de Daguerre foi seguida pelo anuncio de outros inventores que afirmavam criar imagens graças a ação da luz destacando-se posteriormente a pesquisa de Hyppolite Bayard e Willian Fox Talbot que conseguiram produzir cópias sobre o papel. Em seu procedimento Talbot gerou através das imagens os negativos considerado então um protótipo passível de reprodução.

O sucesso do daguerreotipo se deu devido a representação fiel e precisa da realidade de retirando da imagem a hipoteca da subjetividade; a imagem, além de ser nítida e detalhada, forma-se rapidamente; o procedimento é simples, acessível a todos, permitindo uma ampla difusão e aceitação (FABRIS, 2008, p.13).

Esta autora destaca que o daguerreotipo manteve sua supremacia até os anos 50 perdendo seu espaço para a fotografia sobre o papel. A autora aponta para

três importantes momentos para o aperfeiçoamento dos processos fotográficos e classifica a primeira etapa (1839 até os anos 50) como sendo um momento pelo qual a fotografia se restringia a poucas pessoas devido ao seu alto custo.

O segundo momento (1854) corresponde à descoberta do cartão fotográfico que coloca ao alcance de muitos através da reprodução industrial e o barateamento da fotografia e o terceiro a massificação da fotografia (a partir de 1880).

Ainda conforme o supracitado autor foi em 1861 que foi realizada a primeira fotografia colorida e em 4 de março de 1880 uma fotografia apareceu pela primeira vez em um jornal de Nova Iorque chamado Daily Graphic.

Segundo Kossoy (2001) a revolução industrial trouxe um desenvolvimento significativo das ciências e isto se deu em decorrência do processo de transformação econômica, social e cultural, o que levou a uma série de invenções “modificando de forma decisiva os rumos da história moderna” (KOSSOY,2001, p.25).

Foi na época da Revolução industrial que a fotografia teve sua efervescência e a mesma se tornou necessária para representação de fatos, notícias, manifestações de arte e pesquisa.

Com a Revolução Industrial verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente dos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria um papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 2001, p. 25)

O autor define que a fotografia foi uma das invenções que inovaram a informação e que este instrumento serviu de apoio para pesquisas de diferentes campos da ciência além de ser uma forma significativa de expressão artística. O homem passou a representar através da fotografia o que antes era apenas narrado e a visão humana foi se ampliando e tornando as informações mais acessíveis.

Quando a fotografia passou a fazer parte da imprensa escrita este foi um fenômeno extraordinário para época e a fotografia passou a ser conhecida por todos ampliando a visão e os horizontes das pessoas em todo mundo. A fotografia veio trazer luz ao mundo e mostrar através das imagens fatos, acontecimentos e histórias.

Peixoto (2011) sustenta que a era digital surge durante a Guerra Fria, através

das experiências do programa espacial americano. As primeiras imagens registradas sem uso do filme aconteceram no espaço, quando os americanos enviaram imagens da superfície de Marte através de uma câmera de televisão a bordo da sonda Mariner 4, em 1965.

Em 1975 a Kodak apresentou seu primeiro protótipo de uma câmera sem filme baseada no sensor CCD da Fairchild. Posteriormente a própria Fairchild comercializou o primeiro modelo comercial da história com a câmera de CCD a MV-101.

Freund (1995) apud Martins (2010) afirma que houve uma ampliação do olhar e o mundo foi se tornando menor e mais acessível ao olhar de todos. Afirma ainda que a fotografia se tornou um reflexo concreto do mundo e das suas realidades. Tornando-se também um importante meio de publicidade e crítica.

Martins (2010) define ainda que Jacob A. Ris foi o primeiro jornalista do New York Tribune a fazer uso da fotografia como uma forma de ilustrar a realidade dos imigrantes das camadas mais pobres trazendo através da fotografia uma crítica social. O supracitado autor aponta para o que Sontag(1986) chama de contemplação da realidade alheia através do olhar crítico do fotógrafo sobre uma determinada situação social.

A fotografia foi nesta época uma voz silenciosa mais muito significativa. Diante disso a fotografia é certamente uma forma de comunicação real que consegue expressar através da imagem diferentes situações e contextos sociais.

Sobre o tempo e o espaço da fotografia Martins(2010) afirma que esta pode ser vista e analisada como um meio eficaz de informação e comunicação tendo em vista a relação com o tempo e o espaço e a representação de uma determinada realidade momento e lugar.

Sobre a relação espaço-temporal da fotografia podemos afirmar que esta representa uma determinada época e fato e que esta também se torna histórica com o passar do tempo.

Para Sotang (1986) a imagem fotográfica veio trazer um novo significado a informação e representar um dado espaço de tempo, um momento, um instante único.

As pessoas têm o conhecimento sobre a natureza da fotografia, mas também daquilo que é fotografado, assim, este conhecimento permite o resgate da noção de tempo representada na fotografia. A fotografia faz parte das nossas experiências mediáticas, visto que se trata de substituir a velocidade (uma porção de espaço percorrido numa porção de tempo) pela densidade (uma porção de tempo condensada naquela porção de espaço). (MARTINS, 2010. p.7).

O autor supracitado traz a reflexão sobre o que a fotografia representa em um determinado espaço de tempo. Ela é a representação de uma situação atual ou histórica. A fotografia possibilita o conhecimento e resgata, através da imagem, situações vivenciadas em diferentes espaços e tempos.

A fotografia tem um destino duplo... Ela é a filha do mundo aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato. (BRASSAI, 1968, p.13):

Brassai (1968) explica essa dupla relação da fotografia em seu espaço e tempo quando afirma que a fotografia é a representação de um instante vivido que se tornará com o tempo parte de um contexto histórico.

Mauad (1990) define que a fotografia é importante porque nos remete a uma marca cultural de uma determinada época e esta deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo.

Conforme o autor a aceitação da fotografia levou ao desenvolvimento de pesquisas e na década de 1860 surgiram impérios industriais e comerciais. A aceitação da fotografia gerou uma revolução e o seu consumo cresceu de forma significativa. Para ele, com o surgimento da fotografia o mundo tornou-se “familiar” e a expressão cultura dos povos passou a ser exteriorizada através do registro fotográfico.

A fotografia contribuiu de forma significativa com o processo de informação e esta passou a ser uma maneira de representação de diferentes contextos e fatos trazendo uma maior evolução para a humanidade.

Kossoy (2001) diz que com a descoberta da fotografia e a sua divulgação a informação chegava de forma mais rápida e o mundo passou a ter conhecimento

mais amplo e real sobre outras realidades que outrora eram conhecidas através da descrição escrita, verbal e pictórica.

Com a descoberta da fotografia e, mais tarde com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através de via impressa, inicia-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto contextuais. (KOSSOY, 2001, p.26).

O autor aponta para a importância da fotografia como canal de informação e conhecimento e, acrescenta, ainda, que sua difusão, levou o homem a conhecer o mundo através da imagem fotográfica. O conhecimento do mundo passou a ser compartilhado e a história ganhava um novo documento para representar os fatos históricos, sociais e culturais da sociedade.

A fotografia é, portanto, uma forma de comunicação, de informação e representação humana. Ela veio trazer uma nova forma de linguagem e conquistou a todos pela sua capacidade de atingir de forma extensa diferentes contextos e situações.

O mundo depois da descoberta da fotografia se tornou mais acessível e compacto. O que antes não poderia ser visto passou a ser e as diferentes expressões culturais e sociais foram ampliando a visão das pessoas e tornando o mundo mais visível a todos.

Segundo Martins (2010) as imagens fotográficas são tão difundidas atualmente que nem se quer notamos sua constante presença em nosso cotidiano.

Embora, no século XVI a fotografia já representava uma verdadeira revolução, uma descoberta histórica que trouxe ao mundo um novo olhar, uma nova forma de ver e entender a sociedade e a cultura. Acrescenta, enfatizado que a imagem fotográfica captada pelo francês Joseph Nicéphore Niépce em meados de 1824 e 1826 modificou a forma de ver o mundo e a fotografia passou a ser uma forma significativa de comunicação.

Diante do exposto o suporte fotográfico, enquanto documento que veicula imagem e informação possibilita ao observador fazer inferências relativas aos aspectos sociais, históricos e políticos do contexto da imagem capturada associada a um determinado evento ocorrido, desta forma permite registrar momentos multifacetados, que muitas vezes se tornam impossíveis expressar por palavras.

2.2 Gêneros fotográficos

Como já exposto à imagem registrada em suporte fotográfico representam e simbolizam diferentes situações e contextos e, cada fotografia resgata um significado próprio, embora multifacetado. Mas, podemos classificar os gêneros fotográficos de acordo com o suporte do registro, conteúdo informacional e finalidades - uso, quais sejam: jornalísticas, científicas, publicitárias, entre outras particularidade de cada evento capturado/fotografado.

Cordeiro (2006) apresenta diferenças entre a fotografia jornalística e publicitária e afirma que ambas tem funções diferentes porque a publicitária pretende vender um produto e a jornalística informar as pessoas sobre fatos e acontecimentos.

Lombardi (2008) traz reflexões a respeito da fotografia documental e a caracteriza como “um conjunto de imagens que forma uma narrativa cujos traços indiciais se deslocam de acordo com o olhar de cada fotógrafo”. (LOMBARDI, 2008, p.43).

Neste sentido a fotografia documental é feita mediante um projeto e não é apenas um registro de algo momentâneo.

Conforme Lombardi (2008) este tipo de fotografia exige do fotógrafo um projeto mais bem elaborado e pode ser utilizado para “defender os ideais civis, denunciar, compor discursos políticos e apontar divergências da sociedade”. (LOMBARDI,2008,43).

Para Hochaman et AL (2005) a fotografia científica é diferente da artística porque ela representa uma documentação ou exame e precisa ser o mais nítida e real possível. Este tipo de fotografia é sistematizada e segue padrões porque sua finalidade é unicamente para documentação científica.

Leite(2001) destaca em seu livro intitulado Fotografias de Família, uma reflexão sobre a fotografia histórica trazendo discussões a respeito do que esta fotografia comunica. Segundo a autora a fotografia histórica traz uma mensagem cultural e social e representa uma forma de expressão sobre uma determinada época ou evento do passado.

Mauad (2008) traz em seu artigo a experiência fotográfica contemporânea e define que esta tem um importante papel porque estas fotografias representam uma narrativa visual, e reproduzem a vida cotidiana, as identidades, diversidades,

questões sociais e culturais bem como a representação de momentos que marcam e chamam a atenção do fotógrafo. Nesse sentido, pode-se também estabelecer as seguintes classificações:

a) Fotografia como Documento Histórico

Segundo Brigidi (2009) a imagem pode ser utilizada em diferentes contextos e esta pode ser feita mediante os objetivos da pessoa interessada na fotografia. Conforme a autora a literatura não apresenta uma definição clara sobre a expressão da fotografia histórica. Mas, esta acaba carregando em si um valor histórico por representar um determinado momento da história da humanidade. Uma fotografia que representa histórias coletivas ou individuais passa a ser histórica porque através do seu registro podemos fazer a releitura de um fato do passado, lembrar histórias e momentos marcantes de uma determinada época.

[...] pode-se considerar fotografia de valor histórico, toda imagem que represente de alguma maneira, um fato, um acontecimento, que acabou marcando a História propriamente dita ou simples histórias pessoais. Esta imagem não precisa ser, necessariamente, reconhecida mundialmente, pois uma fotografia pode ter valor histórico individual para determinada pessoa; nessa categoria se enquadram retratos de antepassados já falecidos ou mesmo seus próprios retratos de tempos passados. (BRIGIDI, 2009, p.30).

Diante do exposto pela autora um item fotográfico tem valor histórico quando representa uma determinada época e situação do passado e esta pode representar pessoas de uma comunidade, país, ou simplesmente representar situações cotidianas de uma família ou de pessoas de forma individual ou coletiva.

Para Torezan (2007) a relação da fotografia com a construção da história acontece naturalmente porque ela representa sempre uma informação através da imagem. Ela afirma que pelo viés da memória a imagem se mistura as nossas lembranças e nos permite reviver fatos e situações que aconteceram em um determinado espaço de tempo.

“De qualquer forma, cabe respeitar essa ligação íntima que a fotografia mantém com a história, podendo assim afirmar que esta continuará por muito tempo carregando a responsabilidade de documento”. (TOREZAN, 2007, p.38).

A fotografia ao representar quaisquer que sejam os fatos e acontecimentos do passado acaba por se tornar um documento histórico devido a relação que esta tem

com a o momento em que a foto foi retirada. A informação presente na imagem fotográfica é documental por representar a história de uma determinada comunidade, família ou nação.

Documento é o termo genérico que designa os objetos portadores de informação. Um documento é todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos e icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais (gravados em suporte de papel ou eletrônico). O documento, segundo o tipo de suporte, é denominado documento em papel ou documento eletrônico (LE COADIC, 2004 p. 5).

Em conformidade com o autor supracitado podemos definir que a imagem também é um documento por representar uma fonte de informação e por conter a representação de um determinado contexto histórico.

De acordo com Torezan (2007) qualquer fotografia é um documento independente da forma que é interpretada. É um documento por ser uma imagem, um objeto que representa uma prova verídica de acontecimentos e registros de um fato real. Este tipo de fotografia é muito utilizado em jornais, revistas, livros e meios onde a fotojornalismo cobre acontecimentos e fatos.

Todos sabem que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que, identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente com base em metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário, assim como do mais recente (KOSSOY, 2001.p. 41).

Conforme o autor supracitado as imagens de outras épocas se tornam históricas quando devidamente analisadas e organizadas com os métodos adequados em prol da reconstrução histórica de fatos e cenários históricos.

Brigidi (2009) define que a fotografia de valor histórico resgata a memória tanto individual quanto coletiva porque as duas marcam a vida das pessoas. O valor histórico de uma fotografia vai desde uma simples foto da família a um registro de grandes acontecimentos com grande repercussão mundial. A autora aponta para três níveis de valor distintos para a fotografia histórica e são eles: o valor histórico individual, o valor histórico coletivo e o valor histórico individual que passou a ser coletivo. (BRIGIDI, 2009, p. 38).

Assim, pode-se aferir que a fotografia é um documento histórico por representar uma determinada época e momento, e por fazer o resgate do passado de um grupo, um indivíduo ou uma nação.

b) Fotojornalismo

O jornalismo como senso comum é uma forma de comunicação de massa que todos têm acesso a notícias todos os dias. Desde que a fotografia passou a ser usada como forma de comunicar fatos e acontecimentos que a fotojornalismo foi ganhando forma e levando notícias de todos os lugares do mundo. A fotojornalismo segundo Quinto (2007 apud BRIGIDI, 2009) tem que representar a maior quantidade de informações e dados em uma única imagem, resumindo a notícia e fazendo com que o público capte através da imagem a informação que esta pretende passar.

[...] não há dúvida de que as fotos que ilustram jornais e revistas, há muito tempo, deixaram de ser apenas ilustrações. Ancoradas em textos e legendas, de um lado, ajudam a reproduzir a realidade pelo olhar investigativo de nossos fotógrafos, de outro, avançam em pesquisas para aprimorar o processo de seleção e catalogação do acervo iconográfico que, ao longo do tempo, constrói a nossa história. (FORNI, 2005, p. 85, apud BRIGIDI, 2009 p.39).

As fotos de jornais e revistas representam informações e comunicam idéias. Não é simplesmente algo que serve para ilustrar os textos, mas elas falam por si só através da interpretação do leitor. Neste sentido a matéria e a fotografia se completam e comunica entre si um determinado fato.

De uma maneira geral, o fotojornalismo divide-se em imagens “do instante” e de “documentação social”. Fotojornalismo do instante. São aquelas imagens que vemos diariamente estampadas nos jornais e que também possuem uma subdivisão: a) *general photos*: são aquelas fotos corriqueiras de jornal; b) *spot news*: fotos das capas dos jornais, geralmente imagens impactantes que ilustram os furos de reportagem; c) *features photos*: fotografias tiradas inesperadamente, muitas vezes engraçadas, são consideradas a “parte leve” do jornal. (BRIGIDI, 2009 p.40-41)

Há ainda conforme a autora supracitada as fotos chamadas de furos de reportagem que são aquelas fotos tiradas em momentos onde a notícia acontecia, ou seja, o fotógrafo estava no lugar certo na hora certa. Outra questão abordada por Brigidi (2009) no tocante da foto jornalística é sobre o direito autoral do autor da foto e dos direitos das pessoas fotografadas. Vale salientar que existe diferenças entre

direito autoral e direito de imagem. A pessoa fotografada deve estar ciente do uso da sua imagem e deve autorizar que esta seja divulgada.

c) Fotopublicidade

Desde que a fotografia se tornou objeto de divulgação de produtos e serviços que as revistas e jornais vem fazendo uso desta publicidade visual. É comum nas revistas apresentarem propagandas oferecendo produtos e serviços através da imagem. Esse tipo de fotografia é caracterizado pela sua finalidade que é a de levar o leitor a consumir algum tipo de produto.

A fotografia publicitária tem uma proposta diferente da jornalística. A primeira tem o objetivo de incentivar o consumo de bens, reforçar os valores da sociedade, criar comportamentos, vender uma idéia, seduzir o público. No momento em que uma pessoa se sente seduzida por determinado produto, ela passa a ser um potencial consumidor, e este é o objetivo principal da fotopublicidade: a venda de produtos, serviços, idéias, etc. (BRIGIDI, 2009 p.44).

A fotografia publicitária tem a finalidade de vender um determinado produto e de estimular o consumismo. Esta segundo a autora tem o objetivo de seduzir e levar o indivíduo a comprar uma idéia, um produto e a consumir bens.

Para Cordeiro (2005 apud BRIGIDI, 2009) define que esse tipo de fotografia é planejado, possui um cenário escolhido, a luz e o enquadramento perfeito bem como a escolha do ator ou modelo a ser usado neste tipo de foto. Para este tipo de foto é preciso um profissional especializado que saiba produzir este tipo de fotografia. Este tipo de fotografia tem o objetivo de ostentar e encenar levando uma mensagem contida na fotografia publicitária. Uma das melhores formas de exemplificar a fotografia publicitária é mostrá-la e analisá-la, tentando identificar a mensagem que o fotógrafo e a empresa têm em mente transmitir. (BRIGIDI, 2009, p.46).

A partir de Brigidi (2009) pode-se dizer que a fotografia publicitária representa a mensagem que o fotógrafo juntamente com a empresa que este representa pretende mostrar para o consumidor. Trata-se de imagem planejada e pensada visando atingir o público alvo.

d) Fotografia digital

A fotografia digital possibilitou acessibilidade e rapidez da imagem captura em redes sociais e celulares. Em todo mundo milhares de fotografias estão sendo capturadas em questão de frações de segundo. A crítica é que pessoas estão gradativamente perdendo a capacidade apreciar a foto devido ao número de fotos e a velocidade que elas chegam. Esta rapidez que a fotografia digital nos trouxe acabou por gerar na humanidade a mecanização da percepção fotográfica, advogam os especialistas. Atualmente a informação chega mais rápido às pessoas, e com o aumento do acesso as novas tecnologias cada vez mais próximas das notícias, acontecimentos e informação. Entre todas as fontes de informação, as mais utilizadas atualmente são as redes sociais, as fotografias, livros, revistas, correio eletrônico entre outros.

Não devemos esquecer que a imagem representa um fato, uma percepção, um momento e que esta informa e deve fazê-lo porque a leitura visual também é uma maneira de ler o mundo.

As redes sociais, e-mails, revistas e jornais eletrônicos tem usado bastante este tipo de fotografia para informar e registrar situações cotidianas. Cada vez mais estamos imersos em uma gama de imagens disponibilizadas diariamente em nossos celulares e computadores e esta diversidade de fotografias, assim como a velocidade em que estas são concebidas e difundidas nos levam a não mais perceber a individualidade que cada fotografia carrega através da imagem ali representada. É preciso resgatar em nós a capacidade de apreciação e esta velocidade da fotografia digital veio para nos possibilitar novos olhares e mais acessibilidade a informação.

O que não podemos abandonar é a nossa rica capacidade de apreciar, ler a imagem, aprender com ela. Seja qual for o gênero fotográfico, a fotografia representa a expressão de algo, de um momento, de um contexto histórico.

Assim, imagem capturada é um canal de informação que dispensa palavras, pois a fotografia diz em si mesma, o que representa sobre a ótica do olhar. A imagem nos possibilita a leitura visual de um determinado fato ou acontecimento. Ela nos possibilita enxergar uma informação através da visão.

2.3 A fotografia e a abordagem tecnicista na Biblioteconomia

Diante do exposto anteriormente, pode-se aferir que a adoção da abordagem teórica da visão tecnicista da Biblioteconomia teve início advindo:

[...] do volume de capital acumulado pelo comércio dentre outros fatores sócio-político e religioso no Séc. XVIII contribuiu para o que se convencionou chamar de Revolução Industrial. Dentre os fatos religiosos, destaca-se o crescimento do puritanismo na Inglaterra, tendo em vista que esta crença considerava o capital, o lucro e a acumulação de riquezas como uma “salvação”, enquanto o catolicismo condenava. Do ponto de vista econômico e político, a transferência do poder para a burguesia em 1760 contribuiu para a facilidade de circulação interna de mercadorias, desenvolvimento dos portos, unificação dos impostos, facilidade de empréstimo e o surgimento de fábricas. Estes fatos corroboraram para o êxodo rural, dando origem à classe operária e o estabelecimento da industrialização – Revolução Industrial (Inglaterra – 1760). (WEBER, 1864-1920)³.

No Brasil, o modelo de sociedade via industrialização só veio a ser institucionalizado em meado de 1930. Neste contexto, o tratamento do suporte fotográfico passou a ser de maior interesse. Mas, a principal preocupação foi o controle do acervo fotográfico, motivo pelo qual, vários instrumentos foram elaborados com vistas a descrever a imagem representada. Ressalta-se as fichas de descrição utilizadas nas instituições e empresas jornalista que, aliás passaram a funcionar também como instrumentos de pesquisa/recuperação do item fotografado utilizado para contextualizar as manchetes de jornais.

Aqui cabe resgatar algumas características da abordagem tecnicista da Biblioteconomia que também se coadunam com a abordagem teórica da visão custodial da Arquivologia, quando Pimentel e Freitas (2015 apud SILVA, 2009, p. 49-50) destacam no trabalho de conclusão do curso de graduação em Arquivologia, quais sejam:

- a) “Sobrevalorização da custódia ou guarda, conservação e restauro do suporte, como função basilar da actividade profissional de arquivistas e bibliotecários; (museólogos também)”;
- b) “Identificação do serviço/missão custodial e público de Arquivo e de Biblioteca, com a preservação da cultura “erudita” ou “superior” (as artes, as letras, a ciência) de um Povo em antinomia, mais ou menos explícita com a cultura popular, “de massas” e os “produtos de entretenimento”;
- c) “Importância crescente do acesso ao “conteúdo”, através de instrumentos de pesquisa (guias, inventários e catálogos), dos documentos percebidos como objectos/coisas patrimonializadas, permanecendo, porém, mais forte o valor patrimonial do documento que o imperativo informacional (+ acesso)”;

³ Consultar a obra de Weber intitulada: “A ética protestante e o espírito do capitalismo”

d) “Prevalência da divisão e assunção profissional decorrente da criação e desenvolvimento dos serviços/instituições Arquivo e Biblioteca, indutora de um arraigado e instintivo espírito corporativo que fomenta a confusão entre profissão e ciência (persiste a ideia equívoca que a profissão de arquivista ou de bibliotecário gerou, naturalmente, disciplinas científicas autónomas)”.

Essas características se coadunam com a abordagem tecnicista da Biblioteconomia por ser considerada patrimonialista. Mas, o que se pergunta na contemporaneidade é saber como utilizar procedimentos técnicos do tratamento do suporte fotográfico que sejam capazes de subsidiar os aspectos informacionais relacionados aos eventos sociais, históricos e políticos das imagens capturadas.

A partir do ano de 1980, tais características passaram a ser objeto de questionamento pelos estudiosos da área.

Ademais, novos suportes e produtos e serviços informacionais começaram a surgir na sociedade que culminou ser denominada de “sociedade da informação”. Neste cenário, importa aqui descrever os preceitos da abordagem da visão sócio - cognitivo da Biblioteconomia com o objetivo de apreender os seus postulados.

2.4 A Fotografia e a abordagem sócio cognitivo da Biblioteconomia

Nos itens anteriores apresentamos dados sobre o surgimento do suporte fotográfico e as principais características da abordagem tecnicista da Biblioteconomia. Aqui, nos cabe descrever considerações acerca da abordagem teórica da visão sócio cognitivo da área, com vistas a destacar o papel que assume o item fotográfico na contemporaneidade na compreensão de autores que foram previamente selecionados para destacar os princípios, que acreditamos que sejam condizentes com a referida abordagem.

A fotografia vem agregando novos valores a imagem e cada vez mais esta se tornou acessível a todos. Diante do gênero da fotografia digitalizada, por exemplo, as informações de qualquer parte do mundo chegam rapidamente ao nosso alcance e esta capacidade real de informar vem ganhando forma, e, a fotografia vem sendo cada vez mais um canal de informação rápido e eficaz. A ótica do fotógrafo e forma como capta a imagem diz muito mais sobre o meio – cenário. Cada vez mais as informações fotográficas alcançam as pessoas e registram momentos importantes da vida pública e privada_ legados de memórias institucionais.

Ao ensinar-nos um novo código visual, as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado. São uma gramática e uma ética da visão. O resultado mais significativo da atividade fotográfica é dar-nos a sensação de que a nossa cabeça pode conter todo o mundo – como uma antologia de imagens. (SONTAG, 1986, p.13).

Sontag (1986) traz uma reflexão sobre a importância da fotografia e a define como representação de um determinado momento ou evento. Enfatiza que após análise do item fotográfico ocorre uma ampliação da imagem representada.

Corroborando, Dubois (1992, p. 20) relaciona a realidade com a fotografia de três formas: A fotografia como espelho do real, ou seja, uma imitação perfeita da realidade fotografada; a fotografia como transformação do real (imagem fotográfica apresenta falhas e não representa a imagem do real), e a fotografia como vestígio do real.

A fotografia, desde o seu advento, cada vez mais tem sido fonte de informação ilustradora da história dos povos, dos costumes, dos acontecimentos, das descobertas e de tantas outras coisas, registradas em simples fotos de família, passando pela chegada do homem a lua e as tempestades captadas por câmeras de satélites chegando a construir verdadeiros mapas da superfície terrestre. (PEIXOTO, 2006, p. 16).

A fotografia é um canal de informação que retrata a vida e os momentos da humanidade e esta tem sido durante muito tempo uma forma de expressão humana e de memória. Entre as muitas fotografias e seus tipos podemos elencar aqui as jornalísticas e históricas que fazem o conto da história fato através da leitura da imagem.

Na abordagem sócio cognitivo a informação contida na fotografia representa inúmeras possibilidades de interpretação que depende da capacidade cognitiva e de linguagem do observador social, cultural e política.

Importa dizer que nem sempre as fotografias são utilizadas para produzir uma leitura de um fato, mas a de representar a forma mais real de vivenciar uma situação, pois através de uma foto podemos ter uma ideia do real.

A imagem torna presente aquilo que não está presente. De duas maneiras possíveis. Primeiro o homem dispõe desse poder interno de tornar presente, por si mesmo, em pensamento, a aparência visível das coisas que não estão presentes. Esse poder interno chama-se imaginação. Esse mesmo poder tem um equivalente externo: é o poder de tornar presente a aparência visível das coisas que não estão presentes, porém não mais em seu pensamento, mas na realidade exterior; não mais somente sobre si mesmo, mas por qualquer outro. Tal é a faculdade humana de fazer e de compreender as imagens. (WOLFF, 2005, p 23).

Segundo o autor a fotografia representa uma realidade que não está presente, mas que através da leitura da imagem se faz real. Quando apreciamos ou analisamos uma fotografia estamos absorvendo informações sobre elas e interiorizando através da imaginação o que estamos vendo.

A fotografia é, sem nenhuma dúvida, uma forma de enxergar o real e uma forma de ver o mundo sem nunca tê-lo visto porque a foto diz sem palavras o que aconteceu em determinada época ou situação. “Se quisermos tocar, emocionar, provocar uma reação imediata, não controlada, de admiração, de identificação, de atração, de medo, de compaixão, de repulsa, nada vale tanto quanto a imagem”. (WOLFF, 2005, p 26).

A imagem desperta na humanidade uma série de sentimentos e através da leitura da mesma, se aprende a ver o mundo e a conhecê-lo. Uma fotografia pode levar alguém a lugares nunca vistos, a reviver emoções, a conhecer outras culturas e costumes. A fotografia é um meio de comunicação eficaz e que leva o ser humano a adquirir novos conhecimentos.

Ao possibilitar o constante desejo de eternizar a condição humana, por certo transitória, a imagem fotográfica se aproxima de outras iconografias produzidas no passado. Como essas, a fotografia também desperta sentimentos de medo, angústia, paixão e encanto. Reúne e separa homens e mulheres, informa e celebra, reedita e produz comportamentos e valores. Comunica, simboliza, representa. (BORGES, 2005, p. 37).

A imagem não representa fatos e momentos históricos apenas ela também é uma forma de expressão humana que resgata memórias e nos leva a ter sentimentos. A nossa capacidade de fazer leituras e releituras diante de uma fotografia que nos emociona, ou nos desperta todos os tipos de sentimentos é a prova real da influência que a imagem tem sobre nós e o quanto ela nos acrescenta informação e sentidos.

Bocatto e Fugita (2006) definem que a fotografia é um documento que passa informações seja através da fotografia analógica ou digital. Conforme os autores ela é um registro histórico de um determinado momento da vida humana.

O documento fotográfico tem o seu papel definido como produtor de informações e, nesse sentido, merece uma atenção especial na realização de uma análise documental que possibilite uma representatividade adequada de seu conteúdo e uma satisfatória recuperação de informação. (BOCATTO; FUGITA, 2006, p.85).

Diante do exposto pelos supracitados autores a fotografia produz informações e é um meio de comunicação que representa um determinado conteúdo, história e momento, tornando-se assim um canal de informação.

Manini (2002) apud Bocatto e Fugita (2006) definem que documento é a concretização de toda a informação registrada e apontam que a fotografia é um documento. Conforme os autores as fotografias podem ser representadas através de estabelecidos e são eles: estética ou artística, de verossimilhança, ilustrativa, comercial, de exposição ou publicação, probatório, jornalística e didático ou científica, pessoal ou familiar.

O documento fotográfico pode compor o acervo de um arquivo, de uma biblioteca, de um museu ou de um centro de documentação, independentemente da área de sua utilização e do conhecimento que ela representa. De qualquer maneira, quando o usuário precisar de uma informação recorrerá a essas unidades de informação na busca de respostas para sua pesquisa e/ou outros interesses que atendam as suas necessidades de informação. Nesse sentido, os documentos imagéticos como fonte de informação cumprirão o ciclo informacional, isto é, a partir da produção intelectual, a informação passará por um processo que abrange várias etapas como a edição, a seleção, a aquisição, o processamento técnico, a armazenagem e a estocagem, a disseminação, a recuperação e a utilização da informação. (BOCATTO; FUGITA, 2006, p.88).

Conforme os autores o documento fotográfico é um canal de informação que pode estar presente em uma biblioteca, museu ou centro de documentação e este passa a cumprir seu ciclo informacional mediante a sua edição, seleção, aquisição e armazenagem, estocagem, distribuição e recuperação.

Toda fotografia expressa algo e nos permite interpretar os seus significados. Em uma biblioteca este recurso de informação ajuda na análise documental de um determinado fato histórico nos permitindo estabelecer relações entre o passado e o presente, entre o que foi e o que se tornou. A fotografia retrata parte da história e representa uma informação visual de tudo o que foi vivenciado no passado.

A análise documental de imagens deve atender aos preceitos da documentação, refletindo a credibilidade e segurança no momento da recuperação da informação pelo usuário. Atendendo assim ao objetivo central da análise documental, a informação documental deve promover a identificação de materiais informacionais que respondam, de maneira satisfatória, às questões dos usuários e, por outro lado, possibilitar a tomada de decisões sobre a consulta e a escolha de um determinado documento original. Para que essas funções sejam devidamente cumpridas, a informação documental deve ser elaborada por meio de métodos que correspondam à equivalência entre o sentido do texto original e a sua representação. (BOCATTO; FUGITA, 2006, p.90).

Fica evidente que é importante levar em conta que ao avaliar um contexto de um item fotográfico se faz necessário que a fonte identificada seja verídica e que a informação corresponda a verdade para que o item fotográfico seja utilizado com segurança atendendo aos preceitos da transparência e autenticidade do documento fotográfico. Em síntese, pode-se dizer que na abordagem técnica os principais critérios a serem considerados são o estado de conservação, características físico-química, qualidade técnica, dimensão e os direitos de propriedade intelectual do item fotográfico. Enquanto, na abordagem sócio cognitivo o item fotográfico assume um posicionamento que leva em consideração o potencial do uso, da interpretação, da intersubjetividade, da representação para a memorial institucional, ou seja do conteúdo informacional.

a) Acervo documental fotográfico do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE): estudo de caso⁴.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) é um órgão governamental criado em 1961, que tem como missão a fomentação da ciência e da tecnologia nas áreas espaciais e do ambiente terrestre e atua “nas áreas de meteorologia e mudanças climáticas, observação da Terra, ciências espaciais e atmosféricas e engenharia espacial” (MCTI, 2016, p.1).

Em comemoração ao seu 50º aniversário, foi desenvolvido um projeto voltado para seu acervo de imagens fotográficas, onde essas retratam fatos marcantes da Ciência e Tecnologia do país nas últimas décadas e foram obtidas pelos funcionários durante a realização dos seus trabalhos, bem como da própria comunidade que dispôs em compartilhar seus registros e/ou descobertas.

Sua realização foi marcada pelo trabalho interdisciplinar desenvolvido em conjunto entre os profissionais de diversas áreas que faz parte da estrutura de atuação da própria instituição, onde o objetivo foi voltado ao resgate da memória e a disseminação do conhecimento, sendo as áreas envolvidas: a informática, a pesquisa, o ensino, a tecnologia, a informação e a comunicação (RIBEIRO, 2012).

⁴ Este estudo de caso foi apresentado por alunos matriculados no componente curricular “Laboratório de Práticas Integradas 01” do Curso de Graduação em Arquivologia – período: 2016.1, em seminário sob a orientação do professor Adolfo Júlio Porto de Freitas/DCI/CCSA/UFPB

Com a finalidade de determinar as datas e a ordem de ocorrência dos acontecimentos históricos que fizeram parte da instituição, o projeto teve como resultado a construção de uma Linha do Tempo, que também fez parte do site comemorativo desenvolvido para a ocasião pertinente. Logo, o INPE visa por meio do desenvolvimento do projeto e do seu site a divulgação e total acesso aos usuários, do seu incrível universo imagético acumulado ao longo dos anos de atuação por meio do uso de um Repositório Digital.

Contudo, antes de adentrar na exploração do conteúdo de todo o acervo e suas especificidades fornecidas pelo autor, algumas considerações, fornecidas pelo mesmo em sua pesquisa, fazem-se necessário.

Primeiramente, temos que considerar a grande importância da fotografia para a reconstrução dos eventos históricos da instituição. Segundo Manini (2002, apud RIBEIRO, 2012, p. 1) “no uso probatório a fotografia serve como prova ou evidência de um fato ou acontecimento, trazendo a certeza sobre uma verdade manifesta”, desta forma, devemos pensar o acervo fotográfico do INPE como uma fonte de informação, bem como de registro da sua memória, ou seja, um objeto no qual contribui para a construção e ressignificação de um fato histórico que a ele pertence.

Levando em consideração o entendimento supracitado, bem como a realidade de que problemas com a degradação e preservação dos documentos são constantes nas instituições, a técnica de Digitalização é uma alternativa que pode ser usada para amenizar tais problemas, pois ela tem como objetivo promover o rápido acesso e a disseminação das informações e conhecimento, por este motivo tornou-se uma das ferramentas mais utilizadas na preservação documental.

O autor, fazendo uso dos conhecimentos de Ditadi (2010) promove uma boa explicação a cerca dos benefícios que o processo de Digitalização proporciona aos documentos fotográficos de arquivo, onde sua realização deve ser estudada e bem pensada sobre diversos pontos.

Ditadi (2010) apud Ribeiro (2012) afirma que antes de iniciar o processo de digitalização os documentos fotográficos devem ser devidamente higienizados, identificados e organizados, para que em seguida sejam avaliados e selecionados, devendo sempre obedecer aos princípios arquivísticos preconizados na área. No projeto a primeira coleção a ser digitalizado foi o do Jornal Espacial feito no ano de 2011, sendo seguido pelas coleções de imagens que formam o acervo.

Os pontos que devem ser observados segundo o autor acima são:

[...] gerenciamento de direitos autorais; padrões técnicos mínimos, como padrões de resolução para captura digital que permitam adequada visualização, seguindo as recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes; registro de metadados tanto para recuperação da informação quanto para a sua preservação; adoção de normas de descrição dos acervos - Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE); diretrizes para concepção e desempenho de portais de acesso; política de seleção de acervos culturais para avaliação, financiamento e realização da digitalização; capacitação técnica de pessoas especializadas para administrar e executar os projetos; diretrizes e metodologia para a preservação a longo prazo dos objetos digitais produzidos (DITADI, 2010 apud RIBEIRO, 2012, p. 3).

Logo, percebe-se que a aplicação de normas e diretrizes trazem inúmeras vantagens, quando aplicadas no desenvolvimento da digitalização e no armazenamento do acervo. Desse modo, constatamos que a necessidade de preservar a memória é um dos fatores que tornam possível a existência dos Repositórios Digitais Arquivísticos, que tem como pressuposto essencial para a sua construção a realização das etapas de avaliação e seleção documental, onde para esse é preciso compreender a especificidade da documentação em questão, como também os critérios fundamentais para uma melhor ação gerencial para indexação, controle da linguagem, pesquisa, busca e recuperação da informação nas imagens.

Feitas essas considerações podemos nos debruçar sobre a composição do arquivo fotográfico do INPE. O acervo dessa instituição é formado por fotografias analógicas, produzidas desde 1961, ano de sua criação, até o fim dos anos de 1990, onde passaram a utilizar apenas fotografias em formato digital, como também slides e negativos das fotos originais. As fotos impressas estão reproduzidas em suporte papel do tipo fosco e brilhante, apresentam-se tanto na forma colorida quanto preto e branco somando um total de 30.000 unidades. Já as digitais originais somam aproximadamente um total de 10.000 imagens.

Quanto à metodologia utilizada pela equipe composta para a realização do projeto Linha de Tempo, os profissionais procederam-se da seguinte forma: “a) captura e verificação de toda documentação; b) higienização das edições em estado de deterioração; c) recuperação das informações sobre as imagens; d) seleção das imagens de acordo com os critérios da Linha do Tempo; e) testes para a escolha do nível de resolução, e em seguida a transferência dos documentos para o suporte digital; f) descrição bibliográfica de toda informação das coleções recuperadas e a sua inclusão na Linha do Tempo e indexação no Repositório Digital; e h) por último

cada foto digital realmente histórica futuramente deverá ser refotografada” (RIBEIRO, 2012, p. 6).

Após as devidas análises e estudos os profissionais constataram a incidências de diversos problemas no acervo fotográfico da instituição que fazem parte. Eles perceberam que os problemas estavam ligados aos diversos tamanhos das imagens impossibilitando um armazenamento adequado, ao péssimo estado de conservação devido aos tratamentos errôneos aplicados, a inexistência de pessoal adequado que não conheciam as normas e legislação arquivística, como também problemas com a descrição das imagens.

A solução encontrada para a resolução desses problemas foi à aplicação das técnicas de tratamento arquivísticos adequados e a utilização do nível descritivo, onde os elementos informacionais são de natureza interna, da própria foto, e externa obtida pelo conhecimento do profissional ou do texto que acompanha a imagem, que como bem informa Smit (2011 apud RIBEIRO 2012 p. 6), “A informação que não está na imagem, mas é imprescindível para entendê-la é denominada informação lateral”. No projeto, essas informações laterais foram auferidas por meio de reportagens e artigos de jornais editados pelo próprio INPE, relatórios de atividades realizados por seus profissionais, produção científica, livros, eventos científicos e sociais, e principalmente a ajuda da comunidade apreciadora dos trabalhos desenvolvidos pela instituição (RIBEIRO, 2012).

Já para a construção do repositório que compõem o projeto Linha do Tempo, a equipe fez uso do software URLibService, que é um recurso de gerenciamento de Biblioteca Digital já em uso pela instituição onde permite a realização dos processos de indexação, iniciado em 2011, edição e recuperação, essa feita pelo uso de palavras-chave, diretamente por modo on-line.

Constatamos que no fim, o projeto atingiu seu objetivo e contribuiu para a preservação da memória institucional do INPE e brasileira, onde o acervo em formato aberto permite que todos tenham acesso a infinidade de fotos que estão sobre a sua guarda, com o respeito aos direitos autorais das imagens devidamente assegurados. E também é válido ressaltar o modo como os metadados foram descritos, pois o uso de uma linguagem simples permite que as informações sejam acessíveis a todo o tipo de usuário.

2.5 A fotografia e os campos (itens) de descrição do AACR2

Conforme Albuquerque (2006) os bibliotecários e os arquivistas utilizam documentos como matéria prima de seu trabalho e estes são descritos através de normas de tratamento técnico que após receberem tratamento técnico são disponibilizados para atender a demanda que procuram os arquivos e bibliotecas.

Para a biblioteconomia, a catalogação e descrição dos documentos são necessárias para a organização da biblioteca, o que torna uma condição *sine qua non* o profissional bibliotecário conhecer o Código de AACR2 considerado um dos principais instrumentos da gestão dos procedimentos técnicos das Bibliotecas. (ALBUQUERQUE, 2006).

Ainda conforme a autora supracitada, com a evolução tecnológica novos suportes surgiram para arquivos e bibliotecas e estas mudanças trouxeram aos bibliotecários novos desafios. A catalogação bibliográfica foi sendo colocada em um formato baseado neste código e estas mudanças trouxeram contribuições significativas para o bibliotecário.

Atualmente já contamos com a recuperação de dados por meio eletrônico tornando os serviços mais rápidos e acessíveis. Um dos documentos essenciais e utilizados na biblioteca é a ficha catalográfica, que pode ser manual ou on-line (metadados). Nestas fichas são organizadas as informações conforme as regras de catalogação e possui três níveis: topográfica ou de registro, o bibliográfico e o de identidade ou de autoridade.

Conforme Albuquerque (2006) há sete áreas de descrição no AACR2 que apresentam informações importantes para que a ficha seja elaborada. Esta é composta por três parágrafos que agrupam as áreas, separadas pela pontuação, espaçamento e margens. Acrescenta ainda que:

As áreas de descrição são separadas por ponto espaço travessão espaço (. -). A primeira margem da ficha será a nove espaços da margem esquerda, a segunda, doze espaços e a terceira quinze espaços. O tamanho da ficha é de 12,5 cm X 7,5 cm. No primeiro campo da ficha, se encontram as três primeiras áreas: título e responsabilidade, edição e os detalhes específicos do material, que, no caso da ficha aparece como imprenta. É importante destacar que a entrada principal pode ser diferente de acordo com o país. Por exemplo, para autores de língua espanhola a entrada se dá pelos dois últimos sobrenomes. (ALBUQUERQUE, 2015, p.146).

Estas normas técnicas são necessárias para que os bibliotecários organizem e cataloguem os documentos e acervos da biblioteca. O primeiro campo de descrição do AACR2 corresponde à área de título e indicação de responsabilidade e este é necessário para que o usuário encontre com facilidade o que deseja.

Anzolin (2007) define que o AACR2 tem como objetivo normalizar a catalogação ao nível internacional dando suporte ao tratamento da informação. Quanto a estrutura, a autora define que divide-se em duas partes:

Na primeira parte do (AACR2), apresentam procedimentos para a descrição de pontos de acesso, títulos uniformes e remissivas. A Descrição corresponde as regras gerais de descrição, livros, folhetos e folhas Impressas, materiais cartográficos, manuscritos (incluindo Coleções Manuscritas), música, gravação de som, filmes cinematográficos, materiais gráficos, recursos eletrônicos, artefatos tridimensionais e realia, microforma, recursos contínuos e análise.

A Descrição ainda conforme a autora se divide em áreas, são elas: (de título e indicação de responsabilidade, edição, tipo de publicação, descrição de materiais cartográficos, música, recursos eletrônicos, contínuos, em algumas circunstâncias e microformas, em áreas de publicação, descrição física, série, notas, número normalizado e modalidades de aquisição, itens suplementares e constituídos de diferentes tipos de materiais, fac-símiles, fotocópias e Outras reproduções.

A segunda parte, os pontos de acesso, títulos uniformes e remissivas diz respeito a escolha dos pontos de acesso, cabeçalhos para pessoas, nomes geográficos, cabeçalhos para entidades, títulos uniformes, remissivas, apêndices, maiúsculas e minúsculas, abreviaturas, numerais, glossário, artigos iniciais e apêndice à tradução brasileira.

As regras gerais (AACR2) figuram na primeira parte do código. Servem de base para a descrição da área de título e indicações de responsabilidade, área da edição, área da publicação, distribuição e a área das séries.

No tocante a dados relativos a acréscimo de dados estes devem ser colocados entre colchetes e a língua a ser utilizada para transcrever os elementos deve ser a da agência catalogadora. Para melhor exemplificar, destacamos o que diz Anzolin (2007), o qual enfatiza os três níveis de detalhamento na descrição de elementos mínimos a serem registrados por bibliotecas e agencias catalogadora e são eles:

- a) Primeiro nível de descrição: Título principal / primeira indicação de responsabilidade, se diferir do cabeçalho da entrada principal em forma ou número, ou se não houver cabeçalho de entrada principal. – Indicação de edição. – Detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação). – Primeiro editor etc., data de publicação etc. – Extensão do item. – Nota(s). – Número normalizado.
- b) Segundo nível de descrição: Título [designação geral do material] = Título equivalente: outras informações sobre o título / Primeira indicação de responsabilidade; cada uma das indicações subsequente de responsabilidade. – Indicação de edição / primeira indicação de responsabilidade relativa a edição. – Detalhes específicos do material (ou tipo de publicação). – Primeiro lugar de publicação etc., primeiro editor etc., data de publicação etc. – Extensão do item: outros detalhes físicos: dimensões. – (Título principal da série / indicação de responsabilidade relativa à série, ISSN da série; numeração dentro da série. Título da subsérie, ISSN da subsérie; numeração dentro da subsérie). – Nota(s). – Número normalizado.
- c) Terceiro nível de descrição: Para o terceiro nível de descrição inclua todos os elementos especificados nas regras seguintes, aplicáveis ao item que está sendo descrito. (ANZOLIN, 2007, p.7).

É exatamente no terceiro nível de descrição (AACR2) que, em pesquisa previa, observamos que o código não apresenta exemplificação de descrição específicas para os itens fotográficos, conforme pode-se observar na relação dos Capítulos discriminados a seguir:

Quadro 1 - Quadro demonstrativo dos capítulos do código de catalogação da AACR2

Capítulo 1	Regras gerais para descrição
Capítulo 2	Livros, Folhetos e Folhas soltas impressas
Capítulo 3	Materiais cartográficos
Capítulo 4	Manuscritos
Capítulo 5	Música
Capítulo 6	Gravações de som
Capítulo 7	Filmes cinematográficos e Gravações de vídeo
Capítulo 8	Materiais Gráficos
Capítulo 9	Recursos eletrônicos
Capítulo 10	Artefatos Tridimensionais e Realia
Capítulo 11	Microformas
Capítulo 12	Recursos Contínuos
Capítulo 13	Análise

Fonte: Livro Código de catalogação Anglo-Americano (AACR2).

Importa destacar que na área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação) do AACR2 – Volume (Parte I), figura no verbete 1.3, a seguinte informação: “Esta área é usada na descrição de materiais cartográficos (capítulo 3), música (capítulo 5), recursos eletrônicos (capítulo 9), publicações seriadas (capítulo 12) e, em algumas circunstâncias, microformas (capítulo 11)”.

A título de exemplificação destacamos o que diz no Capítulo 7, mas especificamente no verbete 7.7B10 (Notas) - Edição e história (filmes cinematográficos e gravações de vídeo)

- a) Redija notas relativas à edição que esta sendo descrita ou a **historia** do filme cinematográfico ou gravação de vídeo. (Exemplos):

Exemplo: 01 - Versão resumida do filme cinematogr. De 1969 do mesmo nome - Versão censurada, faltando uma sequencia de 3 min na bobina 3. Certificado de censura C-123, 4 de maio, 1946, do U.S. Dept. of the Army.

Exemplo: 02 - Versão espanhola do filme cinematogr. de 1956 intitulado: Jenny's birthday book. Baseado em: Jenny's birthday book / by Esther Averill

Exemplo: 03 - Nova versão do filme cinematogr. de 1933 do mesmo nome, baseado no romance de Nicolas Mosley.

Importar dizer que os exemplos citados foram importantes para a nossa análises, pois permitiu sugerir na área das Notas, dados de descrição para os suportes fotográficos, os quais figuram no item 3.1 e Capítulo 4 deste trabalho acadêmico.

3 O ACERVO FOTOGRÁFICO DA SECRETARIA DE TURISMO DA CIDADE DE SANTA RITA.

Na consulta efetuada no livro publicado de Ribeiro Filho (2012), constamos alguns dados historiográficos relativos ao acervo fotográfico da Secretaria de Turismo da cidade de Santa Rita, os quais destacamos para servir de análise para a pesquisa.

E imperativo destacar que a referida cidade pode-se encontrar um grande número (ruínas) de monumentos religiosos do tempo colonial. Essas constatações se justificam em razão da vinculação existente entre o poder político e a religião na época da colonização, e, por essa razão, era comum que ao lado da casa grande do Senhor de Engenho fossem construídas capelas ou igrejas, como símbolo do poder papal. Embora atualmente estejam ruínas e possível percebê-las a presença em toda a várzea do Rio Paraíba, particularmente, dentro dos limites do município de Santa Rita- PB.

A história registra também que foi no solo Santa-ritense onde nasceu o maior líder político e militar do nordeste colonial, ou seja, o paraibano André Vidal de Negreiros, o qual teve como berço o engenho Santo André e foi ele que ao lado de João Fernando Vieira, Felipe Camarão e Henrique Dias comandaram as forças vitoriosas nas batalhas dos Guararapes.

Assim, tomando por base os dados historiográficos citados no livro de Ribeiro Filho (2012) intitulado: Santa Rita recontada em fatos e fotos, identificamos 16 fotografias de igrejas-capelas que foram construídas desde o período colonial brasileiro, que a título de ilustração destacamos 03 (três), as quais estão apresentadas no item da Coleta e análise dos dados da pesquisa.

3.1 Apresentação das descrições realizadas.

Foto 01 - Capela Santana de Gargaú, séc. XIX



Fonte: Secretaria de Turismo de Santa Rita. (apud RIBEIRO FILHO, 2014, p.98)

Esta foto (Vista lateral esquerda da Capela Santana de Gargau – Sec. IX) pode ser classificada como do gênero: *Monumento brasileiro – Igrejas-capelas*. História e Curiosidades: – Localizada na comunidade de Gargaú (antigo engenho) construído por Ambrósio Fernandes Brandão, em 1614. O Imperador D. Pedro II, em viagem pela província da Paraíba fez uma refeição naquele engenho e assistiu missa nesta Igreja em 28 de Dezembro de 1858.

Foto 02 - Capela de São Felipe – Sec. XVIII



Fonte: Secretaria de Comunicação de Prefeitura de Santa Rita/PB. (apud RIBEIRO FILHO, p. 102)

Esta foto (Vista panorâmica da Capela de São Felipe – Sec. XVIII) pode ser classificada como do gênero: *Monumento brasileiro – Igrejas-capelas – estilo colonial* -

barroco. História e Curiosidades: Fez parte do patrimônio do Dono do Engenho São Tiago Maior, um dos mais antigos da Paraíba, movido a bois. Posteriormente incorporou o patrimônio da Usina São João. Essa construção do início do século XVIII em estilo colonial (barroco rural) encontra-se em ruína.

Foto 03 - Capela de São Sebastião – Sec. VI



Fonte: Secretaria de Comunicação de Santa Rita/PB. (apud RIBEIRO FILHO, p. 103)

Esta foto (Vista frontal da Capela de São Sebastião – Sec. VI) pode ser classificada como do gênero: *Monumento brasileiro – Igrejas-capelas – estilo colonial – barroco* História e Curiosidades: Construída por João Tavares obedecendo à determinação de Martim Leitão (Capitão mor do Rei de Portugal – D. João VI) no ano de 1587, ao lado do Engenho Del Rey à direita do Rio Tybiri.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se abstrair deste estudo os seguintes postulados no tocante aos suportes fotográficos como fonte de informação para o resgate da memorial institucional:

- a) Que a fotografia surgiu sem determinação de autoria. Mas, já com uma intencionalidade de registrar um modelo de comunicação real via imagem de diferentes situações e contextos sociais;
- b) Foi com o advento da Revolução Industrial que as técnicas de capturar imagens (fotografia) se desenvolveram, atingindo seu ápice pós Segunda Guerra, particularmente, nos grandes centros europeus e nos Estados Unidos, devido ampliação de pesquisas voltadas para a produção de equipamentos e materiais fotossensíveis”. (KOSSOY, 2001);
- c) No tocante a análise de um item fotográfico pode-se afirmar que expressa uma relação entre o tempo e espaço, pois retrata sempre uma determinada situação ou contexto histórico - sócio –cultural e político;
- d) A fotografia expressa essa dupla relação espaço e tempo porque depende da condição cognitiva de quem a analisa, podendo ser compreendida como um documento histórico, sócio cultural e científico, inclusive fazer parte um olhar retangular quando produto das belas artes;

Essas assertivas podem ser comprovadas pelo diz Sotang (1986, p. 7) ao se referir à imagem fotográfica como um novo significado a informação e representar um dado espaço de tempo, um momento, um instante único. “As pessoas têm o conhecimento sobre a natureza da fotografia, mas também daquilo que é fotografado, assim, este conhecimento permite o resgate da noção de tempo representada na fotografia. A fotografia faz parte das nossas experiências mediáticas”.

No entanto, ainda são poucos os estudos, particularmente na nossa área (Biblioteconomia) que abordam a importância da fotografia como registro de informação para o resgate da memória institucional. Ressaltam-se os trabalhos publicados por Bucerani e Ribeiro (2009), como o intitulado “A imagem fotográfica como documento...”, o qual merece destaque dado à profundidade que trata a

importância da fotografia na visão do grande pesquisador e Bibliotecário Otlet.

Diante do exposto, podemos seguramente afirmar que o suporte fotográfico, possibilita ao observador fazer inferência relativas aos aspectos sociais, históricos e políticos do contexto da imagem capturada associada a um determinado evento ocorrido, desta forma permite registrar momentos multifacetados, que muitas vezes se tornam impossível de serem expressados por palavras.

Pode-se também classificar as fotografias por gênero, de acordo com o suporte, conteúdo e objetivo/finalidade: a) Documento Histórico; b) Fotojornalismo; c) Fotopublicidade; d) Fotografia digital.

Por fim, o resultado da pesquisa revelou que é verdadeiro o pressuposto teórico da pesquisa (inexistência no AACR2 de um capítulo específico para catalogar acervos fotográficos), motivo pelo qual, apresentamos a seguir, acréscimo de itens de descrição que podem ser incluído no Campo do AACR2, particularmente para a Área das Notas, que poderia ser assim expresso:

- a) Redija notas relativas ao gênero e historia e curiosidades da fotografia capturada ou coleção do acervo fotográfico (Exemplos):

Exemplo: 01 - Foto da Capela Santana de Gargaú, séc. XIX

Gênero: Documento histórico (*Monumento brasileiro – Igrejas-capelas*).
Historia e Curiosidades: – Localizada na comunidade de Gargaú (antigo engenho) construído por Ambrósio Fernandes Brandão, em 1614. O Imperador D. Pedro II, em viagem pela província da Paraíba fez uma refeição naquele engenho e assistiu missa nesta Igreja em 28 de Dezembro de 1858.

Exemplo: 02 - Capela de São Felipe –Séc. XVIII

Gênero: Documento histórico (*Monumento brasileiro – Igrejas-capelas – estilo colonial – barroco*).
Historia e Curiosidades: Fez parte do patrimônio do Dono do Engenho São Tiago Maior, um dos mais antigos da Paraíba, movido a bois. Posteriormente incorporou o patrimônio da Usina São João. Essa construção do início do século XVIII em estilo colonial (barroco rural) encontra-se em ruína.

Assim, com o acréscimo de itens de descrição na área das notas (gênero e historia-curiosidade), acreditamos que o AACR2 passará a contemplar dados importantes para o resgate da memorial institucional a partir dos suportes fotográficos.

Uma última descrição aqui é imperativo salientar. Trata-se da veiculação da possibilidade de implantar o Curso de Museologia no âmbito do Departamento de Ciência da Informação/CCSA/UFPB, razão pela qual, apresentamos a sugestão/desafio de ampliar esta pesquisa (estudo da fotografia como resgate da memorial institucional), no sentido de identificar outros dados historiográficos, no caso, relíquias/peças sacras que fizeram parte dos ritos religiosos das Capelas e Igrejas, objeto deste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **Catálogo e descrição de documentos fotográficos em bibliotecas e arquivos**: uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 e ISAD(G). 2006.188 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Paulista, Marília, 2006.
- BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Estudos de avaliação quantitativa e qualitativa de linguagens documentárias: uma síntese bibliográfica. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v.11 n.2, p. 267-281, mai./ago. 2006.
- BRASSAI. New York. The Museum of Modern Art, 1968.
- BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação.2009. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em biblioteconomia). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- CORDEIRO, Flávio. **Fotografia Publicitária e Fotografia Jornalística**: pontos em comum. 2005. 40 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2005. Disponível: em:<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-ricardo-fotografia-publicitaria.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2016.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**.2^o ed. Campinas, SP: Prós, 1992.
- FABRIS, A. **Redefinindo o conceito de imagem**. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 18, n. 35, 2008. p. 217-224.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GUERRA, Claudia Bucceroni. **O olhar fotográfico**: percepções filosóficas, informacionais e documentais. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.4, p.35-58, 2008.

MARTINS, Célia. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética**: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010. 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/> Acesso em: 20/09/2016.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografiadigital.pdf>. Acessado em 30 outubro de 2016.

PEIXOTO, Clarice Ehlers(org) Antropologia e Imagem. Volume 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

RIBEIRO, Antônia Motta de Castro Memória. **Catálogo de recursos bibliográficos**: AARC2R em MARC21. 5ª ed, ver e atual. Brasília: ed. Três em Um, 2012.

SONTAG, S. (1986). **Ensaio sobre Fotografia**. Lisboa, Dom Quixote.

TOREZAN, Isabella Mara Valle. **Fotografia e informação**: Aspectos gerais de análise e indexação da imagem. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e documentação. Brasília, 2007.

ANEXO - 01

RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES (FOTOGRAFIAS) IDENTIFICADAS NO
LIVRO DE RIBEIRO FILHO (2012)

Foto 01: Capela Santana de Gargaú, séc. XIX.

Foto 02: Capela de São Felipe –Séc. XVIII.

Foto 03: Capela de São Sebastião –Séc. VI